**Solenidade de Todos os Santos 2021**

**Uma imagem com texto, jogo atlético, desporto, nuvens

Descrição gerada automaticamente**

**Creio na comunhão dos santos!**

Símbolo dos apóstolos

**Ritos Iniciais**

**Procissão e cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial**

P. Percorremos o caminho de nossa casa até chegar a esta Casa Comum, para cruzar a ponte entre a Terra e o Céu, entre a beleza do que já somos e o que ainda se há de manifestar em nós. A alegria do domingo, que ontem vivemos, prolonga-se agora neste dia solene e de festa em honra de Todos os Santos. À vitória pascal de Cristo, que celebramos em cada Eucaristia, associa-se o coro incontável dos eleitos, que aclamam em alta voz a alegria da salvação e nos ensinam a cantar um hino de louvor a Deus e ao Cordeiro. Estes são dias para cruzar esta ponte, que nos une a todos, em Cristo, numa verdadeira comunhão dos santos. São os santos de antigamente e de longe, mas também os santos de hoje e de “*ao pé da porta, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus*” (GE 7).

**Ato penitencial**

P. Nesta comunhão *de* santos, nesta comunhão *dos* santos, confiemos à misericórdia de Deus a nossa fragilidade, para que, apesar das nossas imperfeições e quedas, continuemos a perseguir e a prosseguir, em cada dia e todos os dias, o caminho da santidade.

***Kyrie*** (cantado)

**Hino do Glória** (cantado)

P. Como eleitos de Deus, que entoam um hino de vitória, cantemos ao nosso Deus a sua glória.

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

**Homilia na solenidade de todos os santos 2021**

Inspirada numa Catequese do Papa Francisco, 7.4.2021

1. O feriado nesta segunda-feira, dia 1 de novembro, Dia de Todos os Santos, faz ponte com o dia anterior de domingo e o dia posterior da Comemoração de Fiéis Defuntos. Diriam alguns que estragamos a grande festa do dia 1 com o luto e a tristeza do dia 2, ou que perdemos de vista a beleza do Céu, com os olhos já colados ao pó da terra. Talvez não. Talvez o povo de Deus – que no seu todo não se engana em matéria de fé – nos esteja a guiar na direção certa. Em vez de confundir os dois dias, esteja simplesmente a unir o que Deus não quis separar: o Céu e a Terra, a Igreja bela e gloriosa do futuro e a Igreja peregrina e penitente do presente, o auxílio e o exemplo de todos os santos e a esperança de misericórdia para todos os pobres pecadores. De facto, a chamada “*comunhão dos santos*” que professamos no Credo, não é uma teoria de fé; ela afirma-se quando agradecemos e intercedemos por aqueles que partiram antes de nós – *E quantos deles, não nos deixaram um belo e vivo testemunho daquela santidade de ao pé da porta?!* – Esta comunhão dos santos também se exprime quando choramos por aqueles que partiram antes de nós e continuam a iluminar o nosso caminho. Reconhecemos, na nossa vida, na nossa oração, nos nossos gestos destes dias, um fio de amor, que cruza a ponte entre a Terra e o Céu, que nos liga aos que nos morreram. Partindo, eles levaram consigo, para o Céu, tanto de nós; partindo, eles deixaram em nós, nesta terra, tanto de si. Estamos unidos por esta comunhão de amor, que é sempre mais forte do que a morte!

2. Por isso, estes dias da *comunhão dos santos* são dias de memória luminosa, de gratidão ardente, de esperança renascida. Ora o modo mais belo de cruzarmos esta ponte entre o Céu e a Terra, entre os santos e os pecadores, entre os que peregrinam e os que partiram, é a oração. Na verdade, quando rezamos, nunca o fazemos sozinhos: estamos imersos num rio caudaloso de invocações, que nos precede e continua depois de nós. Faz-nos bem rezar com as belas orações que a Bíblia recolhe ou com as orações criativas que os santos rezaram, ou com as orações simples que os nossos pais, avós e bisavós nos ensinaram a rezar. Cada vez que damos as mãos e abrimos assim o coração a Deus, em oração, encontramo-nos – quase sem nos darmos conta – numa companhia de santos anónimos e de santos reconhecidos, que rezam connosco e intercedem por nós, como irmãos e irmãs mais velhos, que passaram pela nossa mesma aventura humana. Na verdade, por meio de Cristo, morto e ressuscitado, que junto do Pai intercede por nós, os nossos queridos defuntos, do Céu, continuam a cuidar de nós. Eles rezam por nós e nós rezamos por eles e com eles, numa verdadeira *comunhão dos santos.* Por consequência, na oração que fazemos juntos, não há luto que permaneça solitário, não há lágrima que se verta no esquecimento: tudo respira e participa de uma graça comum. Não por acaso, nas igrejas antigas, as sepulturas estavam no jardim, em redor do edifício sagrado, a indicar que em cada Eucaristia participam, a seu modo, os que partiram antes de nós. Não há melhor mesa do que esta, para o encontro festivo e interminável do amor.

3. Irmãos e irmãs: os santos intercedem por nós e recordam-nos hoje que, nas nossas vidas, embora fracas e marcadas pelo pecado, a santidade é-nos dada todos os dias. E, se a recusarmos, teremos de a recusar todos os dias, porque todos os dias a santidade se avizinha de nós como possibilidade. Assim, com a graça de Cristo e a intercessão dos santos, a santidade pode e deve florescer na nossa vida de cada dia. Não desesperemos deste ideal de santidade por causa dos nossos muitos pecados. O primeiro santo *canonizado* por Jesus foi um ladrão! Não há, portanto, um santo sem um passado de pecado nem um pecador sem um futuro de salvação. Isto quer dizer que nunca é demasiado tarde para que eu e tu, todos nós, no presente, aqui e agora, nos convertamos ao Senhor.

Querido irmão, querida irmã, só existe uma infelicidade neste mundo: a de não ser santo (cf. Léon Bloy). Ainda vais a tempo de cruzar esta ponte entre a Terra e o Céu!

**Credo**

**Oração dos Fiéis**

P. Pela intercessão de todos os Santos, confiemos a Deus Pai as nossas preces, para que alcancemos a felicidade verdadeira, seguindo o caminho das bem-aventuranças, que são o autorretrato de Jesus e o nosso bilhete de identidade cristã:

Segue o esquema das oito bem-aventuranças – cf. *Gaudete et exsultate*, números 63 a 94

1. Pelos *pobres de coração*, que manifestam à Igreja a riqueza maior do amor de Deus, ensinando-nos que há maior alegria em dar do que em receber. Oremos, irmãos.
2. Pelos que reagem com *humilde mansidão*, ensinando-nos a suportar os defeitos dos outros, sem nos escandalizarmos com as suas fraquezas. Oremos, irmãos.
3. Pelos que sabem *chorar com os outros*, sem cobrir ou esconder as situações dolorosas, ensinando-nos a coragem de compartilhar o sofrimento dos irmãos. Oremos, irmãos.
4. Pelos que buscam *a justiça com fome e sede*, ensinando-nos a lutar pelos mais pobres, indefesos e vulneráveis da sociedade. Oremos, irmãos.
5. Pelos que sabem *agir e olhar com misericórdia*, ensinando-nos a não julgar os outros e a usar sempre a medida larga do perdão. Oremos, irmãos.
6. Pelos que mantêm *o coração limpo* de tudo o que mancha o amor, ensinando-nos a amar, não com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade. Oremos, irmãos.
7. Pelos que *semeiam a paz* ao seu redor, ensinando-nos a arte de procurar e de construir a paz com as próprias mãos, com serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza. Oremos, irmãos.
8. Pelos que *sofrem e são perseguidos*, para que nos ensinem a abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que isso nos acarrete dificuldades. Oremos, irmãos.

…………………

*Podem omitir-se estas duas preces 9 e 10 ou incluí-las no Memento dos vivos.*

…………………

1. [2.º dia da Semana dos Seminários] Por todos aqueles a quem o Senhor chama ao sacerdócio ministerial: para que o tempo de formação e a experiência de comunhão de vida nos Seminários sejam de seguimento fiel e apaixonado de Cristo, em santidade de vida. Oremos, irmãos.
2. [Cf. Prece pelo Sínodo – Proposta da Diocese do Porto] Pelo bom êxito do processo sinodal em marcha: para que ele nos conduza a uma comunhão cada vez mais profunda na Igreja, favoreça a nossa participação nela e nos torne capazes de partir em missão, juntos por um caminho novo. Oremos, irmãos.

P. Senhor, só Vós sois Santo! Vós sois a fonte de toda a santidade. Fazei brilhar no Vosso povo a santidade dos pequenos gestos: no avô e na avó, que ensinam com paciência; no pai e na mãe, que criam os filhos com amor; nas crianças e jovens, que escutam e respondem ao vosso chamamento; nos homens e mulheres que trabalham, a fim de trazer o pão para casa; nos que sorriem e cuidam dos frágeis e doentes; nos sacerdotes e consagrados, que Se entregam a Vós por amor; e em todos aqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da Vossa presença divina e transparência luminosa do rosto de Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio** próprio da Solenidade de Todos os Santos | **Oração Eucarística** III **| Ritos da Comunhão**

**Meditação pós-Comunhão 1:** As Bem-aventuranças da santidade (cf. GE 67 a 94)

*Ser pobre no coração: isto é santidade.*

*Reagir com humilde mansidão: isto é santidade.*

*Saber chorar com os outros: isto é santidade.*

*Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade.*

*Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade.*

*Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade.*

*Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade.*

*Abraçar diariamente o caminho do Evangelho*

*mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade.*

# **Meditação pós-Comunhão 2:** Poema de Maria de Lourdes Belchior

P. [pode omitir-se esta introdução] Irmãos e irmãs: a poesia é-nos dada uma vez e quando dizemos que não ela afasta-se. O amor é-nos dado algumas vezes, e também se o recusamos ele distancia-se de nós. Mas a santidade é-nos dada todos os dias como possibilidade. E, se a recusamos, teremos de a recusar todos os dias da nossa vida, porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós como possibilidade. A santidade não é heroica: expressa-se no pequeno, no quotidiano, no usual. O pecado é a banalidade do mal. A santidade é a normalidade do bem. Como fica demonstrado neste poema de Maria de Lourdes Belchior:

Hoje é dia de todos os santos:

dos que têm auréola e dos que não foram canonizados.  
Dia de todos os santos: daqueles que viveram,

serenos e brandos, sem darem nas vistas

e que no fim dos tempos hão de seguir o Cordeiro.

Hoje é dia de todos os Santos:

santos barbeiros e santos cozinheiros,

jogadores de futebol e porque não?

Comerciantes, mercadores, caldeireiros

e arrumadores (porque não arrumadoras?

se até é mais frequente que sejam elas a encaminhar o espectador?).  
Ao longo dos séculos, no silêncio da noite e à claridade do dia

foram tuas testemunhas; disseram sim/sim e não/não;

gastaram palavras, poucas, em rodeios, divagações.

Foram teus imitadores

e na transparência dos seus gestos a Tua imagem se divisava.

Empreendedores e bravos ou tímidos e mansos, traziam-te no coração.  
Olharam o mundo com amor e os homens como irmãos.  
Do chão que pisavam rebentava a esperança de um futuro de justiça e de salvação  
e o seu presente era já quase só amor.

Cortejo inumerável de homens e mulheres

que Te seguiram e contigo conviveram, de modo admirável:  
com os que tinham fome partilharam o seu pão  
olharam compadecidos as dores do mundo

e sofreram perseguição por causa da Justiça.

Foram limpos de coração

e por isso dos seus olhos jorrou pureza e dos seus lábios  
brotaram palavras de consolação.  
Amaram-Te e amaram o mundo.  
Cantaram os teus louvores e a beleza da Criação.  
E choraram as dores dos que desesperam.  
Tiveram gestos de indignação e palavras proféticas  
que rasgavam horizontes límpidos.  
Estes são os que seguem o Cordeiro  
porque te conheceram e reconheceram e de ti receberam  
o dom de anunciar ao mundo a justiça e a salvação.

**Ritos finais**

**Agenda pastoral**

1. **Celebrações nestes dias:** 
   1. Domingo, 31 de outubro: Missas às 11h00 e às 19h00.
   2. Segunda-feira, 1 de novembro: Missas da Solenidade de Todos os Santos, às 11h00 e às 19h00 (não há celebração da Palavra, na Igreja Antiga, às 19h00)
   3. Segunda-feira, 1 de novembro: Oração no Cemitério, às 17h30.
   4. Dia 1 de novembro, apesar de ser segunda-feira, não há celebração da Palavra na Igreja Antiga.
   5. Terça-feira, 2 de novembro: Missa da Comemoração de Fiéis Defuntos, às 19h00.
   6. Missas à quinta-feira, às 16h30. Adoração do Santíssimo, às 15h00, com Oração pelos Seminários.
2. A partir de novembro, retoma a prática da partilha em bens ou em dinheiro, à entrada da igreja, a favor da Conferência Vicentina, nos primeiros sábado e domingo de cada mês.
3. Reunião do Plenário do novo Conselho Paroquial de Pastoral: sexta, 5 de novembro, às 21h30.
4. Durante o mês de novembro, os fiéis desta comunidade são convidados a fazer uma contribuição mais significativa para as despesas e serviços da mesma. Temos sugerido que esta contribuição ocorra sobretudo nos meses de março e novembro, independentemente de escolherem outro tipo de periodicidade. Aos que já prestam esta contribuição periódica agradecemos e pedimos que, tanto quanto possível, a mantenham ou reforcem. Aos que não o fazem, ou deixaram de fazer, recordamos o dever de todos os paroquianos na sustentação da nossa vida comunitária. É um sinal de comunhão na missão o facto de as pessoas colaborarem com o seu contributo paroquial. Sabeis que há uma expectativa de gratuidade por parte das pessoas em muitos serviços que prestamos. Depois, como sabeis, os emolumentos e esmolas por ocasião dos sacramentos são cada vez menos frequentes. Neste sentido, os donativos são absolutamente necessários para cobrir as despesas correntes em ordenados, água, luz, limpeza, reparações e a cara manutenção do vasto património da paróquia, em edifícios e jardins. Nenhum destes serviços é gratuito. Nem o Estado, nem o Vaticano nem a Diocese nos pagam qualquer despesa; pelo contrário, somos nós que temos de contribuir para a vida da Igreja Diocesana e da Igreja Universal. Temos, aliás, os mesmos deveres que qualquer empresa em relação às Finanças e à Segurança Social, com exceção da dedução do IVA em obras com fins religiosos. Há um envelope, na entrada da igreja, para levarem e entregarem nos ofertórios da missa ou na secretaria paroquial ou, se preferirem, por transferência bancária, para o IBAN indicado. Podem também fazer transferência por MB Way.
5. Em breve começarão as obras na nossa Igreja e, da nossa parte, temos de encontrar 250 mil euros.
6. Oração pelos Seminários, em nossa casa, todos os dias; na quinta-feira, adoração às 15h00. Ofertórios do próximo fim de semana destinam-se aos nossos seminários.
7. Domingo, dia 7, às 17h30, encontro com as famílias e zeladores associados ao movimento da visita familiar das Sagradas Famílias e Oratórios do Imaculado Coração de Maria. Na missa das 19h00 far-se-á o rito de envio.
8. Precisamos de reativar esta prática pastoral do movimento da visita familiar das Sagradas Famílias na zona Londres, desde que haja um mínimo de 12 famílias que se queiram associar.
9. Pedimos disponibilidade de duas pessoas para zeladores dos altares da Igreja Antiga, para um trabalho decorativo conjunto da Igreja.
10. No domingo, dia 7, no final das missas das 11h00 e 19h00 estarão à venda alguns doces (tipo pão de ló de ovar, broinhas dos santos, marmelada etc). Alguém se disponibilizou para os fazer, sem custos para a Paróquia. Grupo de jovens promove a venda, à porta da Igreja, para benefício das obras.

**Bênção solene** | Missal, pp. 564-565 **| Despedida**

P. Por fim, gostaria de citar mais uma bem-aventurança, que não se encontra no Evangelho, mas na conclusão da Bíblia: «*Felizes os mortos que morrem no Senhor*» (*Ap* 14,13). Somos chamados, também nestes dias, a acompanhar com a oração os nossos defuntos, para que rejubilem para sempre no Senhor. Recordemos, com gratidão, os nossos entes queridos e oremos com eles e por eles.

Diácono: Juntos por um caminho novo, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Oração para a bênção da mesa | Solenidade de Todos os Santos 2021**

1. Forma longa

P. Senhor, Pai Santo,

faz brilhar, na nossa família,

a santidade dos pequenos gestos:

no avô e na avó, que ensinam com paciência;

no pai e na mãe, que criam os filhos com amor;

nas crianças e jovens, que são o agora de um mundo novo;

nos homens e mulheres que trabalham, a fim de trazer o pão para casa;

nos que sorriem e cuidam dos frágeis e doentes.

Abençoa e coroa a nossa mesa com a graça e a beleza do Teu amor,

para podermos passar desta mesa de peregrinos

ao banquete da pátria celeste. R. Ámen.

2. Forma breve

P. Senhor, Pai Santo,

faz brilhar, na nossa família,

a santidade dos pequenos gestos.

Abençoa e coroa a nossa mesa

com a graça e a beleza do Teu amor,

para podermos passar desta mesa de peregrinos

ao banquete da pátria celeste. R. Ámen.

3. Oração comum aos três dias: XXXI Domingo B, Solenidade de Todos os Santos e Comemoração de Fiéis Defuntos

Guia: Senhor, Tu és o Deus do Amor ao próximo

e da vida em abundância:

abençoa e faz desta mesa familiar

mesa da escuta e da palavra,

mesa do encontro das nossas mãos,

mesa da memória e da gratidão

por aqueles que partiram antes de nós,

mesa da esperança viva e feliz

de participarmos um dia, todos juntos,

no banquete do Teu Reino de Paz. Todos: Ámen.

**ANEXOS**

**Anexo 1:**

**Papa Francisco, Catequese - 28. Rezar em comunhão com os santos | 7.04.2021**

**Anexo 2:**

**Card. Tolentino mendonça, só há uma infelicidade, que é a de não sermos santos**

**Anexo 1: Catequese - 28. Rezar em comunhão com os santos | 7.4.2021**

Hoje gostaria de me concentrar no nexo entre a oração e a comunhão dos santos. Na verdade, quando rezamos, nunca o fazemos sozinhos: mesmo que não pensemos nisso, estamos imersos num majestoso rio de invocações que nos precede e continua depois de nós.

Nas orações que encontramos na Bíblia, e que muitas vezes ressoam na liturgia, há um vestígio de histórias antigas, de libertações prodigiosas, de deportações e tristes exílios, de regressos comovedores, de louvores que fluem perante as maravilhas da criação... E assim estas vozes são transmitidas de geração em geração, num entrelaçamento contínuo entre a experiência pessoal, a do povo e a da humanidade à qual pertencemos. Ninguém se pode desligar da própria história, da história do seu povo; temos sempre esta herança nos nossos hábitos e também na nossa oração. Na oração de louvor, especialmente na que floresce no coração dos pequeninos e dos humildes, algo ecoa do cântico do Magnificat que Maria elevou a Deus perante a sua parenta Isabel; ou da exclamação do velho Simeão que, pegando no colo o Menino Jesus, disse: «Agora, Senhor, deixai ir em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra» (Lc 2, 29).

As orações – as boas – são “difusivas”, difundem-se continuamente, com ou sem mensagens nas “redes sociais”: das enfermarias dos hospitais, dos momentos de encontro festivo, bem como daqueles em que se sofre em silêncio... A dor de cada um é a dor de todos, e a felicidade de uns é transferida para a alma de outros. A dor e a felicidade fazem parte da mesma história: são histórias que se tornam história na própria vida. Revive-se a história com as próprias palavras, mas a experiência é a mesma.

As orações renascem sempre: cada vez que damos as mãos e abrimos o coração a Deus, encontramo-nos numa companhia de santos anónimos e de santos reconhecidos que rezam connosco, e que intercedem por nós, como irmãos e irmãs mais velhos que passaram pela nossa mesma aventura humana. Na Igreja não há luto que permaneça solitário, não há lágrima que se verte no esquecimento, porque tudo respira e participa de uma graça comum. Não era ocasional que nas igrejas antigas as sepulturas estivessem no jardim em redor do edifício sagrado, como que a indicar que em cada Eucaristia participam de certa forma aqueles que nos precederam. Há os nossos pais e os nossos avós, há os padrinhos e madrinhas, há os catequistas e os outros educadores... Essa fé passada, transmitida, que recebemos: com a fé também se transmitiu a forma de rezar, a oração.

Os santos ainda estão aqui, não distantes de nós; e as suas representações nas igrejas evocam aquela “nuvem de testemunhas” que nos rodeia sempre (cf. Heb 12, 1). Ouvimos no início a leitura do trecho da Carta aos Hebreus. São testemunhas que não adoramos – bem entendido, não adoramos estes santos – mas que veneramos e que de mil maneiras diferentes nos remetem para Jesus Cristo, o único Senhor e Mediador entre Deus e o homem. Um santo que não vos recorda Jesus Cristo não é um santo, nem sequer um cristão. O Santo faz-nos lembrar Jesus Cristo porque percorreu o caminho da vida como cristão. Os Santos recordam-nos que também nas nossas vidas, embora fracas e marcadas pelo pecado, a santidade pode florescer. Nos Evangelhos lemos que o primeiro santo “canonizado” foi um ladrão e “canonizado” não por um Papa, mas pelo próprio Jesus. A santidade é um percurso de vida, de encontro com Jesus, seja longo ou curto, seja num instante, mas é sempre um testemunho. Um santo é o testemunho de um homem ou de uma mulher que conheceu Jesus e que seguiu Jesus. Nunca é demasiado tarde para se converter ao Senhor, que é bom e grande no amor (cf. Sl 102, 8).

O Catecismo explica que os santos «contemplam a Deus, louvam-n'O e não cessam de tomar a seu cuidado os que deixaram na terra. […] A sua intercessão é o mais alto serviço que prestam ao desígnio de Deus. Podemos e devemos pedir-lhes que intercedam por nós e por todo o mundo» (CIC, 2683). Em Cristo existe uma misteriosa solidariedade entre aqueles que passaram para a outra vida e nós, peregrinos nesta: os nossos queridos defuntos, do Céu, continuam a cuidar de nós. Eles rezam por nós e nós rezamos por eles, e oramos com eles.

Este nexo de oração entre nós e os Santos, ou seja, entre nós e as pessoas que chegaram à plenitude da vida, este laço de oração já o experimentamos aqui, na vida terrena: rezamos uns pelos outros, pedimos e oferecemos orações... A primeira forma de rezar por alguém é falar com Deus sobre ele ou ela. Se o fizermos frequentemente, todos os dias, o nosso coração não se fecha, permanece aberto aos irmãos. Rezar pelos outros é a primeira forma de os amar, e impele-nos à proximidade concreta. Mesmo nos momentos de conflito, uma forma de o dissolver, de o suavizar, é rezar pela pessoa com quem estou em conflito. E algo muda com a oração. A primeira coisa que muda é o meu coração, a minha atitude. O Senhor muda-o para tornar possível um encontro, um novo encontro, e evitar que o conflito se torne uma guerra sem fim.

O primeiro modo de enfrentar um tempo de angústia é pedir aos irmãos, aos santos acima de tudo, que rezem por nós. O nome que nos é dado no Batismo não é uma etiqueta nem um ornamento! É normalmente o nome da Virgem, de um Santo ou de uma Santa, os quais gostariam de nos “dar uma ajuda” na vida, de nos auxiliarem para obtermos de Deus as graças de que mais precisamos. Se na nossa vida as provações não superaram o cume, se ainda somos capazes de perseverança, se apesar de tudo continuamos com confiança, talvez tudo isto, mais do que aos nossos méritos, o devamos à intercessão de muitos santos, alguns no Céu, outros peregrinos como nós na terra, que nos protegerem e acompanharam porque todos sabemos que aqui na terra há pessoas santas, homens e mulheres santos que vivem em santidade. Eles não o sabem, nós também não o sabemos, mas há santos, santos de todos os dias, santos escondidos ou, como eu gosto de dizer, os “santos da porta ao lado”, aqueles que vivem connosco, que trabalham connosco, e levam uma vida de santidade.

Abençoado seja Jesus Cristo, o único Salvador do mundo, juntamente com este imenso florescimento de santos e santas que povoam a terra e que fizeram da sua vida um louvor a Deus. Pois – como afirmava São Basílio – «para o Espírito, o santo é uma morada particularmente adequada, uma vez que se oferece para habitar com Deus e é chamado seu templo» (Liber de Spiritu Sancto, 26, 62: PG 32, 184A; cf. CIC, 2684).

# **ANEXO 2: SÓ HÁ UMA INFELICIDADE, QUE É A DE NÃO SERMOS SANTOS**

Sophia de Mello Breyner naquele conto tão conhecido, "O retrato de Mónica", explica que a poesia é-nos dada uma vez e quando dizemos que não ela afasta-se. O amor é-nos dado algumas vezes, e também se o recusamos ele distancia-se de nós. Mas a santidade é-nos dada todos os dias como possibilidade. E se a recusamos teremos de a recusar todos os dias da nossa vida, porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós como possibilidade.

Contudo, fizemos da santidade uma coisa tão extraordinária, abstrata e inalcançável, que quase não ousamos falar dela. De certa forma, habituamo-nos a olhar para a experiência cristã como que acontecendo a duas velocidades: o caminho heroico dos santos e a frágil estrada que é aquela de todos os outros, e por maior razão a nossa. Ora esta conceção de santidade não pode estar mais longe daquilo que a tradição cristã propõe. O Concílio Vaticano II, por exemplo, deixa bem claro: a santidade é vocação mais inclusiva e comum. Mas é preciso entender de que falamos quando falamos de santidade.

Bastar-nos-ia certamente ler as bem-aventuranças. Jesus não declara que os bem-aventurados são os outros, os que não estão ali. Jesus olha para a multidão e começa a dizer: «bem-aventurados vós os pobres», «bem-aventurados vós os aflitos», «bem-aventurados vós os misericordiosos». Que quer isto dizer? Que são, no fundo, as nossas pobrezas, fragilidades, aflições, mansidões, procuras e sedes que dão a substância da bem-aventurança, a matéria da santidade. É naquilo que somos e fazemos, no mapa vulgaríssimo de quanto buscamos, na humilde e mesmo monótona geografia que nos situa, na pequena história que dia a dia protagonizamos que podemos ligar a Terra e o Céu. Falar de santidade em chave cristã passou a ser isso: acreditar que a humanidade do homem se tornou morada do divino de Deus.

Conta-se que um dia, uma dona de casa quis também criar uma seita, pois não estava disposta a deixar-se ficar atrás dos outros, assistindo ao quotidiano espetáculo da sua proliferação. E decidiu então começar uma seita em que ela e a sua empregada, eram, digamos, os “gurus” e os profetas daquela nova bolha. E, a verdade, é que aquilo começou a ter uma certa importância, e era sempre ela e a empregada, a empregada e ela... Passados uns tempos, vieram os jornalistas entrevistá-la. Escolheram, naturalmente, falar com a dona de casa... e inquiriram: «A senhora está contente?..»” – «Muito, estou muito contente com a igreja que eu fundei, mas olhem que eu já estou a pensar noutra!».

- «Já está a pensar noutra?»

- «Sim, acho que tem de haver uma seita em que seja só eu profeta».

Dizer «santificado seja o vosso nome» é viver no inconformismo em relação às experiências de Deus que são claramente egóticas e insuficientes. É ter coragem, ter audácia de dizer: «Deus sê Deus em mim. Ensina-me a ser discípulo, fiel à escuta, à sugestão do Espírito, à aprendizagem da Palavra, disponível para as suas implicações históricas. O Teu Nome, ó Deus, é um “não Nome”; é um desafio para me colocar cada dia à escuta do Teu Nome. Que eu não me tranque por dentro num confortável reservatório de certezas, mas olhe com frescura os caminhos, esperados e inesperados, que Tu me apontas...».

Em Toledo, está escrito à entrada de um mosteiro do século XII: «Não há caminhos, há que caminhar». Dizer «santificado seja o vosso nome» é, assim, aceitar sermos peregrinos do Nome de Deus... é tomar para si a condição de Abraão, a condição de todo o povo de Deus que foi peregrino do nome e do rosto de Deus, a condição de Jesus que «não tinha onde reclinar a cabeça», construindo uma história de santidade, e nada mais.

«Sede santos, porque Eu, o vosso Deus, sou santo» (Lv 11,45). O escritor Léon Bloy dizia: «Só há uma infelicidade, que é a de não sermos santos». E, contudo, como o testemunha Sophia de Mello Breyner, a santidade é-nos dada, como possibilidade real, em cada dia: «A santidade é oferecida a cada pessoa de novo cada dia, e por isso aqueles que renunciam à santidade são obrigados a repetir a negação todos os dias». É como desafio a uma santidade vivida que também São Cipriano explica este segmento do "Pater". Incita ele: «Peçamos e imploremos para preservar naquilo que começamos a ser, uma vez santificados no Batismo. E peçamos isto em cada dia, pois, de facto, em cada dia estamos necessitados de santificação…Peçamos para que permaneça em nós esta santificação».

A flor do mundo é a santidade. Essa forma de Deus presente em todos os tempos, em todas as latitudes, em todas as culturas. O que salva o mundo é a santidade: ela dá flexibilidade à dureza, torna uno o dividido, dá liberdade ao aprisionado, põe esperança nos corações abatidos, esconde o pão no regaço dos famintos, abraça-se à dor dos que choram e dança com outros a sua alegria. A santidade é um sulco invisível, mas torna tudo nítido em seu redor. A santidade é anónima e sem alarde. A santidade não é heroica: expressa-se no pequeno, no quotidiano, no usual. O pecado é a banalidade do mal. A santidade é a normalidade do bem.

Como fica demonstrado neste poema de  Maria de Lourdes Belchior:

Hoje é dia de todos os santos:

dos que têm auréola e dos que não foram canonizados.  
Dia de todos os santos: daqueles que viveram,

serenos e brandos, sem darem nas vistas

e que no fim dos tempos hão de seguir o Cordeiro.

“Hoje é dia de todos os Santos:

santos barbeiros e santos cozinheiros,

jogadores de futebol e porque não?

Comerciantes, mercadores, caldeireiros

e arrumadores (porque não arrumadoras?

se até é mais frequente que sejam elas a encaminhar o espectador?).  
Ao longo dos séculos, no silêncio da noite e à claridade do dia

foram tuas testemunhas; disseram sim/sim e não/não;

gastaram palavras, poucas, em rodeios, divagações.

Foram teus imitadores

e na transparência dos seus gestos a Tua imagem se divisava.

Empreendedores e bravos ou tímidos e mansos, traziam-te no coração.  
Olharam o mundo com amor e os homens como irmãos.  
Do chão que pisavam rebentava a esperança de um futuro de justiça e de salvação  
e o seu presente era já quase só amor.

Cortejo inumerável de homens e mulheres

que Te seguiram e contigo conviveram, de modo admirável:  
com os que tinham fome partilharam o seu pão  
olharam compadecidos as dores do mundo

e sofreram perseguição por causa da Justiça.

Foram limpos de coração

e por isso dos seus olhos jorrou pureza e dos seus lábios  
brotaram palavras de consolação.  
Amaram-Te e amaram o mundo.  
Cantaram os teus louvores e a beleza da Criação.  
E choraram as dores dos que desesperam.  
Tiveram gestos de indignação e palavras proféticas  
que rasgavam horizontes límpidos.  
Estes são os que seguem o Cordeiro  
porque te conheceram e reconheceram e de ti receberam  
o dom de anunciar ao mundo a justiça e a salvação”.

Dizer «santificado seja o vosso nome» é dizer a Deus: sê inteiro, não deixes que eu Te divida ou diminua, em função do meu egoísmo e dos meus humores... Sê como és, manifesta-te em mim e na universalidade, manifesta-te naquilo que é diferente e oposto a mim, naquilo que me contraria. Livra-me de ser um limite para o teu amor. Que a tua santidade, ó Deus, seja uma estrela que caminha à nossa frente, a coluna de fogo que vai diante de nós, o assobio do pastor que nos serve de sinal… Na nossa humildade, somos a tenda onde Deus vai acampando no mundo, e cada dia vamos, num lugar diferente, num modo novo... Como escrevia Santo Agostinho: «A santificação do Nome de Deus é a nossa santificação». Os crentes não são gestores de uma empresa externa: são servidores e viajantes, nómadas e enamorados peregrinos, leitores e ouvintes, adoradores…

Card. José Tolentino Mendonça   
In Pai-nosso que estais na Terra, Ed. Paulinas.